

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



**SIMONE
DE BEAUVOIR**
UMA MORTE
MUITO SUAVE

UMA MORTE MUITO SUAVE


COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
•

SIMONE DE BEAUVOIR UMA MORTE MUITO SUAVE

3ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO
ÁLVARO CABRAL

PREFÁCIO
LUCIA MURAT


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Une Mort Très Douce*

Copyright © Éditions Gallimard 1966

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Imagem de capa: EujarimPhotography - Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B352m

Beauvoir, Simone de

Uma morte muito suave [recurso eletrônico] / Simone de Beauvoir ; tradução de Álvaro Cabral, prefácio de Lucia Murat. - [3. ed.] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

recurso digital (Clássicos de ouro)

Tradução de: *Une Mort Très Douce*

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520944936 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Cabral, Álvaro. II. Título. III. Série.

19-61637

CDD: 843
CDU: 82-3(44)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

PREFÁCIO

Durante minha adolescência num Rio de Janeiro muito conservador, *O segundo sexo* era inevitavelmente o livro de cabeceira de toda menina que queria se libertar. E, Simone de Beauvoir, nossa inspiração. Por circunstâncias da vida e da ditadura brasileira, que me aprisionou, não tive a oportunidade de seguir os passos dela e ir estudar em Paris, como havia sonhado. Mas, na prisão, outros livros seus foram devidamente devorados.

Quando cheguei aos 65 anos, a questão da velhice me levou de volta à Simone. Procurando um norte para fazer um filme sobre o assunto, parti de um espetáculo de dança (*Qualquer coisa a gente muda*), que juntava uma grande bailarina de 85 anos, Angel Vianna, e uma outra no auge da técnica, Maria Alice Poppe. A ideia era unir os ensaios e o espetáculo dessas duas mulheres aos textos de Simone do livro *A velhice*, mas não sabia bem como fazer. Uma peça de teatro já tinha sido montada com esse material, e eu não queria remontá-la. O tempo passou e concluí a filmagem do espetáculo. Porém, eu não via como continuar o projeto. Alguns meses mais tarde, conversei sobre essa dificuldade com um cineasta português, e ele me sugeriu um pequeno livro de Simone de Beauvoir, não tão conhecido, que talvez pudesse me ajudar, porque era uma pérola. Estávamos em Paris e corri para comprar *Une mort très douce (Uma morte muito suave)*. Fui imediatamente tomada pela leitura, descobrindo uma outra Simone: a Simone filha, que, como tal, revelava fragilidades e contradições além da mulher pensante e forte. Que texto! De uma poesia e uma delicadeza que logo nos levam à empatia, pois todos nós em algum momento perdemos alguém que fez parte de nossas vidas. E acompanhar o sofrimento da mãe pelas palavras de Simone nos dá a sensação de que a literatura pode e deve nos confrontar com nossos fantasmas.

Ver o sexo de minha mãe: isso me chocara. Para mim, não havia corpo que existisse menos do que o dela; mais ainda, não existia.

Criança, amara-o; adolescente, inspirara-me uma repulsa inquieta: isso é clássico; e achava normal que tivesse conservado esse duplo caráter, repugnante e sagrado: um tabu. Mesmo assim, surpreendia-me com a violência de meu desgosto.

Nesse pequeno parágrafo, Simone nos ilumina com sua capacidade de sentir e refletir sobre as contradições da relação mãe-filha, a culpa pela repulsa diante de um corpo carcomido, o amor pela mãe. “Repugnante e sagrado”: a síntese.

São diversas as camadas que *Uma morte muito suave* aborda a partir de uma situação tão delicada e íntima — a doença e a perda da mãe — num período relativamente curto: “A história é muito conhecida: os pais são os últimos a admitir que têm filho louco, os filhos, que sua mãe tem um câncer.” Filha ou mãe, não importa, não se quer enxergar a verdade se a verdade é a nossa tragédia inadmissível.

Antecipando em muitos anos uma discussão atual, Simone questiona a onipotência da medicina e o direito a se optar pela morte em contraposição a um sofrimento desnecessário: “Mas para que atormentá-la, se ela está perdida? Que a deixem morrer tranquila’, disse-me Poupette em lágrimas.”

Mais adiante, falando do médico, diz: “Elegante, esportivo, dinâmico, ébrio de técnica, ele reanimava mamãe com ardoroso empenho: mas, para ele, mamãe representava o objeto de uma interessante experiência e não um ser humano.”

Sem se preocupar com cronologia, apenas com seus sentimentos e como eles a levavam a antigas recordações, Simone rememora sua infância e as dificuldades da relação com a mãe quando ela se liberta e enfrenta a sociedade conservadora francesa da época. A escritora revela a “vergonha” de sua mãe, aquela que “teve de renunciar a muitos sonhos” porque “os desejos de papai tinham sempre prioridade sobre os dela”. Ao mesmo tempo, sabia que a mãe não era apenas uma vítima, pois “ninguém pode dizer: ‘Eu me sacrifiquei’ sem experimentar certo azedume”. Descrito com tanta intimidade, o conflito com a mãe permanece atual, não fica restrito às primeiras décadas do século XX.

E foi assim que, pouco a pouco, *Uma morte muito suave* me deu a chave para o meu filme *Em três atos*. Eu tinha ali, naquele livro, uma mulher que vivia a dor e a perda, enquanto que, em seu outro livro, *A velhice*, eu tinha essa mesma mulher trinta anos mais tarde, refletindo sobre tais questões. Esses dois textos poderiam, então, espelhar as duas bailarinas que tinham sido filmadas. Angel estaria representada nos textos sobre a velhice, e Maria Alice, com seu vigor, na Simone, a mulher que perdia a mãe. Restava apenas outro desafio: encontrar duas grandes atrizes que não tivessem medo da literatura, que conseguissem falar, com intimidade, textos literários. E Nathalia Timberg foi perfeita proferindo as reflexões sobre a velhice, da mesma forma que Andréa Beltrão viveu as angústias de uma mulher forte que tem que lidar com a morte da mãe com quem tanto lutara.

Como ocorrera na adolescência, Simone mais uma vez me abria portas, me apresentava soluções, e eu me vi tomada por esse pequeno grande texto.

Lucia Murat [\[1\]](#)

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os títulos da Coleção Clássicos de Ouro](#)

[Colofão](#)

A minha irmã

*Do not go gentle into that good night.
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light... [\[2\]](#)*

Dylan Thomas

No dia 24 de outubro de 1963, uma quinta-feira, às quatro horas da tarde, eu estava no meu quarto do hotel Minerva, em Roma; deveria voltar para casa no dia seguinte de avião e arrumava a minha papelada quando soou o telefone. Bost chamava-me de Paris: “Sua mãe teve um acidente”, disse ele. Pensei: foi atropelada por um carro. Ela subia a muito custo da calçada para o passeio, apoiada em sua bengala, e um carro derrubara-a. “A pobre caiu no banheiro; fraturou o colo do fêmur”, esclareceu Bost. Moravam no mesmo edifício. Na véspera, por volta das dez da noite, subindo a escada com Olga, tinham notado que três pessoas os precediam: uma senhora e dois policiais. “É no segundo andar”, dizia a senhora. Teria acontecido alguma coisa à sra. de Beauvoir? Sim. Uma queda. Durante duas horas, ela arrastara-se pelo assoalho até conseguir chegar ao telefone; pedira a uma amiga, a sra. Tardieu, que providenciasse o arrombamento da porta do apartamento. Bost e Olga acompanharam-nos, encontrando mamãe por terra em seu roupão vermelho de veludo cotelê. A dra. Lacroix, que reside no prédio, diagnosticara uma ruptura do colo do fêmur; transportada ao serviço de urgência do hospital Boucicaut, mamãe passara a noite numa enfermaria comum. “Mas vou levá-la para a clínica C.”, disse-me Bost. “É onde opera um dos melhores ortopedistas, o professor B. Ela protestou, receava que isso fosse uma despesa excessiva para você. Mas acabei por convencê-la.”

Pobre mamãe! Tinha tomado com ela o café da manhã no meu regresso de Moscou, cinco semanas antes; como de costume, seu aspecto não era nada bom. Já lá ia o tempo, não muito distante, em que mamãe se gabava de não aparentar a idade que tinha; agora, era impossível alguém enganar-se a tal respeito: era uma mulher de 77 anos, em quem o tempo deixara profundas marcas. A artrose dos quadris, que se declarara após a guerra, piorara de ano para ano, apesar das curas de águas em Aix-les-Bains e das massagens:

levava uma hora para dar uma simples volta no quarteirão onde morava. Sentia dores, dormia mal, apesar dos seis comprimidos de aspirina que ingeria diariamente. Nestes últimos dois ou três anos, sobretudo depois do último inverno, vi-lhe sempre aquelas olheiras arroxeadas, o nariz muito afilado, de asas quase transparentes, as faces encovadas. Nada de grave, dizia seu médico, o dr. D.: desarranjos do fígado, preguiça intestinal; ele receitava alguns remédios, geleia de tamarindo para a prisão de ventre. Não me surpreendi de que nesse dia ela se sentisse adoentada; o que realmente me incomodava é que tivesse passado um mau verão. Poderia ter ido passar uma temporada num hotel ou num convento que aceitava pensionistas. Mas contava ser convidada, como todos os anos, para Meyrignac, pela minha prima Jeanne, ou para Scharrachbergen, onde vivia minha irmã. Ambas haviam posto empecilhos. Mamãe ficara em Paris, vazia, e onde chovia. “Eu, que jamais soube o que era ter pressentimentos sombrios, desta vez tive-os”, disse-me ela. Felizmente, pouco tempo depois de minha passagem, minha irmã recebera-a na Alsácia durante duas semanas. Agora, seus amigos estavam em Paris, eu também regressara: não fosse essa fratura, tê-la-ia certamente reencontrado com novo ânimo. Seu coração estava excelente, a pressão arterial era de uma jovem; eu jamais temera que ela pudesse ser vítima de um acidente brutal.

Telefonei-lhe por volta das seis horas para a clínica. Anunciei-lhe o meu regresso, a minha visita. Respondeu-me com voz vacilante. O professor B. pegou no telefone: operá-la-ia no sábado de manhã.

“Você me deixou dois meses sem cartas!”, disse-me ela quando me acerquei do leito. Protestei: tínhamo-nos voltado a ver nesse período, escrevera-lhe de Roma. Escutou-me com um ar incrédulo. A testa e as mãos ardiavam de febre; a boca um pouco torcida articulava as palavras com dificuldade, como se seu pensamento estivesse envolto em neblina. Seria o efeito do choque? Ou, pelo contrário, teria sido a queda provocada por um pequeno ataque? Ela sempre tivera um tique. (Não, nem sempre, mas há muito tempo. Desde quando?) Piscava os olhos, alteava as sobrancelhas, a testa enrugava-se. Durante a minha visita, esse antigo cacoete, essa

agitação, não parou por um instante sequer. E, quando voltavam a descair, suas pálpebras macias e túrgidas recobriam completamente as pupilas. O dr. J., um assistente, passou pelo quarto: a operação era inútil, o fêmur não se deslocara, três meses de repouso e o osso estaria soldado de novo. Mamãe pareceu aliviada. Voltou a contar de forma tumultuada seu esforço para chegar ao telefone, sua angústia; a gentileza de Bost e de Olga. Fora levada para Boucicaut de roupão, sem qualquer bagagem. Na manhã seguinte, Olga levara-lhe alguns objetos de higiene, água-de-colônia, um lindo penteador de lã branca. Aos seus agradecimentos, Olga respondera: “Mas, senhora, é por afeto.” Mamãe repetiu várias vezes, num tom sonhador e comovido: “Ela me disse: é por afeto.”

“Ela estava tão embaraçada, tão confusa, com receio de estar causando incômodo, tão profundamente grata pelo que fazíamos por ela, que aquilo era de cortar o coração”, disse-me Olga à tardinha. Falou-me com indignação do dr. D. Irritado por se ter recorrido à dra. Lacroix, ele recusara-se a passar por Boucicaut na quinta-feira. “Fiquei pendurada vinte minutos no seu telefone”, contou-me Olga. “Depois daquele choque, depois da noite no hospital, sua mãe precisava ser reconfortada por seu médico habitual. Mas ele nem quis saber de nada.” Bost não achava que mamãe tivesse tido um ataque: quando ele a ergueu do chão, ela estava um pouco desorientada, mas lúcida. No entanto, tinha suas dúvidas de que mamãe ficasse restabelecida em três meses: a fratura do colo do fêmur, em si mesma, não é coisa de muita gravidade; mas uma imobilidade prolongada provoca escaras que, nas pessoas idosas, são difíceis de cicatrizar. A posição deitada fatiga os pulmões: o doente contrai uma pneumonia que o leva. Não me impressionei muito com essa opinião pessimista. Apesar de sua invalidez, minha mãe era sólida. E, no fim de contas, tinha a idade de morrer.

Bost prevenira minha irmã, com quem tive uma longa conversa ao telefone: “Eu já esperava isso!”, disse-me ela. Na Alsácia, ela achara mamãe tão envelhecida, tão debilitada, que dissera a Lionel: “Ela não passa deste inverno.” Certa noite, mamãe tivera fortes dores abdominais: chegara quase a pedir que a transportassem ao

hospital. Mas, na manhã seguinte, ela estava recomposta. E, quando a conduziram de volta a casa, de automóvel, “encantada” — como ela dizia — “por sua estada”, já recuperara as forças e a alegria. Em meados de outubro, porém, uns dez dias antes de sua queda, Francine Diato chamara minha irmã. “Acabo de tomar o café com sua mãe. Encontrei-a tão mal que achei melhor avisá-la.” Sob um falso pretexto, minha irmã correu imediatamente a Paris e acompanhou mamãe a um radiologista. Depois de examinar as chapas, seu médico afirmara, categórico: “Não há motivo para preocupações. Formou-se uma espécie de bolsa no intestino, uma bolsa fecal, que torna a evacuação difícil. E, além disso, sua mãe come muito pouco, o que acarreta o risco de certas carências; mas não corre perigo algum.” Aconselhou mamãe a alimentar-se melhor e receitou-lhe novos remédios, muito enérgicos. “Mesmo assim, fiquei preocupada”, disse-me Poupette. “Supliquei a mamãe que contratasse uma enfermeira para lhe fazer companhia à noite. Não quis: uma desconhecida dormindo na casa dela era uma ideia que não suportava.” Poupette e eu combinamos que ela viria a Paris duas semanas mais tarde, que era quando eu pretendia viajar a Praga.

No dia seguinte, a boca de mamãe ainda estava deformada, sua dicção atropelada; suas longas pálpebras toldavam-lhe os olhos e as sobrancelhas crispavam-se amiúde. Seu braço direito, que ela quebrara havia vinte anos, num tombo de bicicleta, não voltara a movimentar-se com total desenvoltura; e a queda recente machucara-lhe bastante o braço esquerdo, que mal podia mexer. Felizmente, fora tratada com minuciosa solicitude. Seu quarto dava para um jardim, longe dos ruídos da cidade. A cama fora deslocada, tinham-na posto ao longo da parede paralela à janela, de modo que o telefone, fixado nessa parede, estava ao alcance de sua mão. O tronco apoiado em almofadas, ela estava mais sentada do que deitada: os pulmões não se fatigariam tanto nessa posição razoavelmente confortável; seu colchão de ar, ligado a um aparelho elétrico, vibrava e massageava-a: assim, seria possível evitar as escaras. Todas as manhãs, um fisioterapeuta exercitava-lhe as pernas. Os perigos assinalados por Bost pareciam esconjurados.

Em sua voz um pouco pastosa, sonolenta, mamãe disse-me que uma arrumadeira lhe cortava a carne, ajudava-a a comer e que suas refeições eram excelentes. Ao passo que em Boucicaut lhe tinham servido chouriço com maçãs! “Chouriço! Para doentes! Já se viu uma coisas dessas?” Ela falava com mais fluência que na véspera. Recuperava-se das duas horas de angústia em que se arrastara pelo chão, perguntando a si própria se conseguiria agarrar o fio do telefone e puxar o aparelho até si. “Um dia, eu disse a sra. Marchand, que também vive sozinha: ‘Felizmente, existe o telefone.’ E ela me respondeu: ‘Sim, mas é preciso chegar até ele.’” Num tom sentencioso, mamãe repetiu por várias vezes estas últimas palavras e acrescentou: “Se eu não tivesse conseguido, estava perdida.”

Teria ela podido gritar com suficiente força para ser ouvida? Não, certamente que não. Eu imaginava sua angústia. Mamãe acreditava no Céu; mas, apesar de sua idade, de seus achaques, de suas indisposições, estava obstinadamente agarrada à terra e tinha da morte um horror animal, instintivo. Contara a minha irmã um pesadelo que se repetia com frequência: “Perseguem-me, eu corro, corro, e esbarro contra um muro. É preciso saltar esse muro, e não sei o que haverá do outro lado; sinto medo.” Também lhe dissera: “A morte propriamente não me assusta, mas tenho medo do salto.” Enquanto se arrastava pelo assoalho, acreditara ter chegado o momento do salto. Perguntei-lhe:

— Deve ter doído muito quando você caiu, não foi?

— Não. Não me lembro. Acho que nem doeu.

Então é porque perdeu a consciência, pensei. Ela recordava-se de ter sentido uma vertigem; acrescentou que, alguns dias antes, depois de ter tomado um de seus novos remédios, sentiu as pernas bambas; apenas tivera tempo de dar alguns passos e estender-se no seu divã. Olhei com desconfiança os vidros que mandara vir de casa — com outros objetos diversos — por nossa jovem prima Marthe Cordonnier. Mamãe insistia em continuar esse tratamento: seria oportuno?

O professor B. veio vê-la no fim do dia e acompanhei-o até o corredor; depois de restabelecida, disse ele, minha mãe não caminharia pior que antes: “Ela poderá reatar sua vidinha tranquila.”

Em sua opinião, ela não teria sofrido uma síncope? Nada disso. Pareceu-me desconcertado quando o informei de que ela sofria de perturbações intestinais. Boucicaut assinalara uma fratura do colo do fêmur e ele ativera-se a isso. Mas providenciaria para que ela fosse examinada por um clínico geral.

— Você andar­á exatamente como antes — disse eu à mamãe. — Poderá recomeçar sua vida como se nada tivesse acontecido.

— Ah! Nunca mais porei os pés naquele apartamento. Não quero voltar a vê-lo. Nunca. Por nada neste mundo!

Esse apartamento: tinha tido tanto orgulho dele! Embirrara com o da rua de Rennes, que meu pai, ao envelhecer, tomado de crônica hipocondria, enchia de explosões de mau humor. Após sua morte — seguida de perto pela da vovó —, ela quis romper com todas as suas recordações. Alguns anos antes, uma de suas amigas instalara-se num ateliê, e mamãe ficara entusiasmada com tal modernismo. Por razões que são conhecidas, era fácil encontrar alojamento em 1942, e ela pôde realizar seu sonho: alugou um estúdio com um balcão coberto na rua Blomet. Vendeu a mobília de escritório, de pereira escurecida, a sala de jantar Henrique II, a cama nupcial e o piano de cauda; conservou os outros móveis e um pedaço do velho tapete vermelho. Pendurou nas paredes quadros pintados por minha irmã. Em seu quarto instalou um divã. Subia e descia então alegremente a escada interna. Na verdade, eu não achava esse lugar muito alegre: situado num segundo andar, entrava nele pouca luz, apesar das amplas janelas envidraçadas. Nos cômodos de cima — dormitório, cozinha, banheiro — estava sempre escuro. Era aí que mamãe passava a maior parte do tempo, depois que cada degrau da escada lhe arrancava um gemido. Em vinte anos, as paredes, os móveis, o tapete, tudo ficara sujo e decrépito. Mamãe fizera planos de se retirar para uma casa de repouso quando, em 1960, o imóvel mudara de proprietário e ela se julgou ameaçada de despejo. Nada encontrara que lhe conviesse e, além disso, sentia-se presa ao seu ramerrão cotidiano. Informada de que não tinham o direito de despejá-la, permaneceu na rua Blomet. Mas agora, suas amigas, eu mesma, íamos procurar-lhe uma casa de repouso agradável, onde ela se instalaria assim que entrasse em

convalescença. “Você nunca mais voltará à rua Blomet, eu lhe prometo”, disse-lhe.

No domingo, ela ainda tinha os olhos semicerrados, a memória modorrenta, e as palavras caíam de sua boca em gotas pastosas. Descreveu-me de novo o seu “calvário”. De qualquer maneira, algo a reconfortava: que a tivessem levado para essa clínica, cujas virtudes ela superestimava. “Em Boucicaut, eles teriam me operado ontem! Aqui, parece que é a melhor clínica de Paris.” E, como o prazer de aprovar não era completo para ela se não fosse acompanhado de uma condenação, acrescentou, aludindo a uma clínica vizinha: “Isto aqui é muito melhor do que na clínica G. Disseram-me que a clínica G. não está lá grandes coisas!”

“Há muito tempo que eu não dormia tão bem”, disse-me na segunda-feira seguinte. Reencontrara sua fisionomia normal, uma voz clara e seus olhos enxergavam. Suas recordações estavam em ordem. “É, preciso mandar flores à dra. Lacroix.” Prometi encarregar-me disso. “E os dois policiais? Não lhes deveríamos dar alguma coisa? Afinal também lhes dei trabalho.” Tive dificuldade em dissuadi-la. Encostada nas almofadas, olhou-me nos olhos e disse em tom decidido: “Vê, estou abusando; sinto-me bastante cansada. Estive com a vida por um fio. Não queria admitir que fiquei velha. Mas é preciso saber encarar as coisas de frente; dentro de poucos dias terei 78 anos, é uma bela idade. Tenho que me organizar de acordo. Quero virar uma página.”

Contemplei-a com admiração. Obstinara-se por tanto tempo em acreditar-se jovem. A uma frase inábil de seu genro, mãe replicara um dia, a voz agastada: “Eu sei, sei que sou velha, e isso me é sumamente desagradável; não quero que mo recordem.” De súbito, emergindo das brumas em que flutuara durante três dias, ela encontrava forças para enfrentar, lúcida e resoluta, seus 78 anos. “Quero virar uma página.”

Ela virara uma página com surpreendente coragem após a morte de meu pai. Sua dor fora profunda e violenta, mas não se deixara afundar no passado. Tinha aproveitado o reencontro com a liberdade para reconstruir uma existência mais de acordo com os seus gostos. Papai não lhe deixara um tostão e ela estava com 54

anos. Passara em exames, fizera estágios e obtivera um diploma que lhe permitira trabalhar como bibliotecária auxiliar nos serviços da Cruz Vermelha. Reaprendera a andar de bicicleta para ir até o escritório. Depois da guerra, era sua intenção fazer costura a domicílio. Eu estava então em condições de ajudá-la. Mas a ociosidade não lhe agradava. Ávida de viver, enfim, à sua maneira, inventara uma porção de atividades. Ocupara-se graciosamente da biblioteca de um preventório nos arredores de Paris, depois da de um círculo católico de seu bairro. Adorava manipular livros, encapá-los, classificá-los, manter os fichários em dia, dar conselhos aos leitores. Estudava alemão, italiano, mantinha atualizado seu inglês. Bordava para instituições de caridade, participava em vendas beneficentes, não perdia uma conferência de interesse. Fizera grande número de novas amigas; também reatara com antigas relações e parentes que o humor taciturno de meu pai havia afastado. Reunia-os jovialmente em seu estúdio. E pudera, finalmente, satisfazer um de seus desejos mais obstinados: viajar. Lutava palmo a palmo contra a ancilose que lhe entorpecia as pernas. Foi visitar minha irmã em Viena e Milão. No verão, percorria, em seu passinho miúdo, as ruas de Florença e Roma. Foi visitar os museus da Bélgica e da Holanda. Nestes últimos tempos, quase parálitica, renunciara a correr o mundo. Mas quando amigos, primos, a convidavam a visitá-los no campo ou na província, nada a detinha; não hesitava em ordenar ao chefe da estação que a içasse para dentro do trem. Sua maior alegria era viajar de automóvel. Recentemente, sua sobrinha-neta, Catherine, levava-a a Meyrignac, de noite, em seu carrinho: mais de 450 quilômetros. Ela descera do carro fresca como uma flor.

Sua vitalidade maravilhava-me, e eu respeitava a sua coragem. Por que, logo que reencontrou o domínio da palavra, dizia coisas que me gelavam? Lembrando sua noite em Boucicaut, disse-me: “As mulheres do povo, você sabe como são: ficam gemendo e lamuriando-se.” Ou: “As enfermeiras, nos hospitais, só trabalham pelo dinheiro. Então...” Eram frases rotineiras, mecânicas como a respiração, mas de qualquer modo animadas por sua consciência: impossível ouvi-las sem embaraço. Entristecia-me o contraste entre

a verdade de seu corpo sofredor e as frivolidades de que sua cabeça estava recheada.

A fisioterapeuta aproximou-se da cama, afastou o lençol e apoderou-se da perna esquerda de mamãe: a camisola aberta revelava com indiferença seu ventre flácido, recoberto de minúsculas rugas, e o púbis glabro. “Já não tenho pudor nenhum”, disse ela num tom surpreendido. “Tem toda a razão”, respondi. Mas desviei-me da cama e fui absorver-me na contemplação do jardim. Ver o sexo de minha mãe: isso me chocara. Para mim, não havia corpo que existisse menos do que o dela; mais ainda, não existia. Criança, amara-o; adolescente, inspirara-me uma repulsa inquieta, isso é clássico, e achava normal que tivesse conservado esse duplo caráter, repugnante e sagrado: um tabu. Mesmo assim, surpreendia-me com a violência de meu desgosto. O consentimento despreocupado de minha mãe agravava-o; ela renunciara às interdições, às ordens que a haviam oprimido durante a vida inteira; e não podia deixar de aprová-la. Só que esse corpo, subitamente reduzido por essa renúncia a não ser mais do que um corpo, já não diferia muito de um despojo: pobre carcaça sem defesa, apalpada, manipulada por mãos profissionais, onde a vida parecia prolongar-se apenas por uma inércia estúpida. Para mim, minha mãe existira sempre, e eu jamais pensara seriamente que a veria desaparecer um dia, bem cedo. O seu fim, tal como o seu nascimento, situava-se num tempo mítico. Quando dizia de mim para mim: ela está na idade de morrer, eram palavras vazias, como tantas outras. Pela primeira vez, no entanto, eu percebia nela um cadáver adiado.

No dia seguinte de manhã, fui comprar as camisolas reclamadas pelas enfermeiras; curtas, para que não formassem pregas nas nádegas e provocassem escaras. “A senhora quer *nuisettes*? Camisas *baby-doll*?”, perguntavam-me as balconistas. Eu tateava *lingeries* tão frívolas quanto seus nomes, de tonalidades macias, espumosas, feitas para corpos jovens e alegres. Era um belo dia de outono, de céu azul: eu caminhava por um mundo de tons plúmbeos e dei-me conta de que o acidente de minha mãe me impressionara mais do que previra. Não sabia muito bem por quê. Ele arrancara-a de sua moldura, de seu papel, das imagens fixas em que eu a

aprisionava. Reconhecia-a nessa mulher acamada, mas não reconhecia a piedade nem a espécie de confusão mental que ela suscitava em mim. Acabei por escolher camisolas “três-quartos”, em tom rosa, com bolinhas brancas.

O dr. T., encarregado de vigiar o estado geral de mamãe, veio vê-la durante a minha visita.

— Parece-me que a senhora come muito pouco, não é verdade?

— Este verão andei muito rabugenta. Não tinha vontade de comer.

— Aborrecia-a cozinhar?

— Bem, eu preparava alguns quitutes e depois nem lhes tocava.

— Ah! Então não era preguiça: gosta de preparar bons petiscos?

Mamãe concentrou-se:

— Uma vez, fiz um suflê de queijo: provei duas colheradas e foi tudo.

— Então é assim — disse o médico, sorrindo, condescendente.

O dr. J., o professor B., o dr. T., vestidos com todo o apuro, perfumados, reluzentes, debruçavam-se lá do alto de seus poleiros sobre essa velhota desgrenhada, um tanto confusa e desconfiada: uns cavalheiros, uns senhores importantes. Eu reconhecia essa fútil importância: a dos magistrados do tribunal criminal em face de um réu que sacode a cabeça. “Então gosta de preparar bons petiscos?” Não se justificava sorrir quando mamãe se interrogava com uma confiante boa vontade; era sua saúde que estava em jogo. E com que direito B. me dissera: “Ela poderá reatar sua *vidinha* tranquila”? Eu recusava as suas providências. Quando pela boca de minha mãe era essa elite quem falava, eu me arrepiava; mas sentia-me solidária com essa doente pregada a seu leito e que lutava por rechaçar a paralisia, a morte.

Em compensação, tinha simpatia pelas enfermeiras; ligadas à sua doente pela familiaridade dos serviços rotineiros, para a doente humilhantes, para elas não raro repugnantes, o interesse que testemunhavam pelo bem-estar de mamãe tinha, pelo menos, a aparência de amizade. Jovem, bela, competente, a srta. Laurent, a fisioterapeuta, sabia encorajá-la, fazer com que ela se sentisse confiante em suas mãos, acalmá-la, sem se mostrar nunca superior.

— Amanhã faremos uma chapa do seu estômago — concluiu o dr. T. Mamãe agitou-se:

— Quer dizer que vou ter de engolir aquela droga tão desagradável.

— Bem, não é assim tão desagradável!

— Ah, sim, e muito!

Depois, sozinha comigo, lamentou-se:

— Não sabes como é ruim! Tem um gosto medonho!

— Não penses nisso por agora.

Mas não pensava em outra coisa. Desde que entrara na clínica, a comida era a sua principal preocupação. Seja como for, sua ansiedade infantil surpreendeu-me. Suportara sem fazer cara feia muitos achaques e dores. O medo de um medicamento desagradável esconderia uma inquietação mais profunda? Naquele momento, tal indagação não me ocorreu.

A sessão de radiografia — estômago, pulmões — decorrera sem novidades, disse-me no dia seguinte, e estava tudo em ordem. O rosto calmo, vestindo a camisola rosa de bolinhas brancas e o penteador emprestado por Olga, os cabelos reunidos numa trança grossa, mamãe já não tinha o ar de uma doente. Recuperara o uso do braço esquerdo. Desdobrava um jornal, abria um livro, tirava o telefone do gancho sem ajuda. Quarta-feira. Quinta. Sexta. Sábado. Ela fazia palavras cruzadas, lia um livro sobre Voltaire amoroso e a crônica em que Jean de Léry narra sua expedição ao Brasil; folheava *Le Figaro*, o *France-Soir*. Eu visitava-a todas as manhãs; não ficava mais de uma hora ou duas; ela tampouco demonstrava o desejo de que eu ficasse por mais tempo; recebia muitas visitas e, por vezes, ela própria se queixava: “Hoje tive aqui gente demais.” O quarto estava repleto de flores: ciclamens, azaleias, rosas, anêmonas; sobre a mesinha de cabeceira amontoavam-se as latas de pastas de frutas, os bombons, os caramelos. Perguntei-lhe:

— Não te aborreces?

— Ah, não!

Ela descobrira o prazer de ser servida, cuidada, mimada. Antes, era um esforço muito duro erguer as pernas para vestir-se, procurando o apoio de um banquinho ou da borda da banheira;

enfiar as meias exigia uma dolorosa ginástica. Agora, de manhã e ao fim da tarde, uma enfermeira friccionava-a com água-de-colônia e polvilhava-a de talco. Traziam-lhe as refeições numa bandeja. “Há uma enfermeira que me irrita”, disse-me ela. “Pergunta-me daqui a quanto tempo espero sair. Mas eu não quero sair.” Quando lhe anunciaram que dentro em breve poderia sentar-se numa poltrona e que a transfeririam em seguida para uma clínica de convalescença, mamãe amarrou a cara: “Vão me empurrar daqui para fora, querem ver-se livre de mim.” Por momentos, entretanto, interessava-se por seu futuro. Uma amiga falara-lhe de um asilo situado a uma hora de Paris: “Ninguém me irá ver, ficarei muito só!”, comentara ela, num tom infeliz. Assegurei-lhe que não teria de se exilar e mostrei-lhe uma lista de endereços que compilara. Ela imaginava-se de bom grado lendo ou tricotando ao sol, no parque de um pensionato de Neuilly. Com uma ponta de mágoa mas também com certa malícia, dizia-me: “Vão ficar desolados no bairro por não me verem mais. Aquelas senhoras do Círculo vão sentir a minha falta.” Certa vez declarou-me: “Vivi demais para os outros. Agora quero tornar-me uma daquelas velhotas egoístas que só vivem para si mesmas.” Uma coisa a inquietava: “Já não serei mais capaz de fazer a minha toalete.” Tranquilei-a: uma dama de companhia, uma enfermeira, se encarregará disso. Nesse meio-tempo, refestelava-se com delícia num dos leitos da “melhor clínica de Paris, muitíssimo melhor do que a clínica G”. Era vigiada de perto; além dos raios X, faziam-lhe numerosas análises de sangue: tudo estava normal. Ao cair da tarde, tinha um pouco de febre; eu quis saber por quê, mas as enfermeiras pareciam não dar a isso importância alguma.

“Ontem vi gente demais, eles cansaram-me”, disse-me no domingo. Estava de mau humor. Suas enfermeiras habituais estavam de folga; uma novata entornara a comadre cheia de urina; a cama ficara empapada, até mesmo o travesseiro. Fechava frequentemente os olhos e suas lembranças toldavam-se. O dr. T. decifrava mal as chapas que lhe eram remetidas pelo dr. D., e teriam de proceder no dia seguinte a uma nova radiografia dos intestinos:

— Vão me fazer uma lavagem de sulfato de bário; é dolorosa! —
queixou-se mamãe.

— E vão me chacoalhar, me levar a todo momento de um lado
para o outro; queria tanto que me deixassem tranquila!

Apertei sua mão fria, um pouco úmida:

— Não pense nisso agora. Não fique ansiosa. A ansiedade lhe faz
mal.

Pouco a pouco, recuperou a serenidade, mas parecia mais fraca
do que na véspera. Telefonaram amigas suas, eu atendi.

— Muito bem, o telefone não para — prossegui. —A rainha da
Inglaterra não seria mais mimada do que você: flores, cartas, balas,
telefonemas! Há uma porção de gente que pensa em você!

Segurava sua mão cansada; conservou os olhos fechados, mas
em sua boca triste aflorou um sorriso:

— Gostam de mim porque sou alegre.

Ela esperava muitas visitas na segunda-feira e eu tinha coisas a
fazer. Só voltei na terça de manhã. Empurrei a porta e fiquei
petrificada. Mamãe, tão magra, parecia ter emagrecido e
encarquilhado ainda mais: ressequida, uma ruga contínua, um
pedaço de sarmento rosa pálido. A voz um pouco perdida,
murmurou: “Eles me desidrataram completamente.” Esperara até o
fim da tarde que a radiografassem e, durante vinte horas, não lhe
tinham permitido beber nada. A lavagem de barita não fora penosa,
mas a sede e a ansiedade haviam-na extenuado. Seu rosto estava
tenso, a infelicidade crispava-o. Que disseram as chapas? “Não as
sabemos ler”, responderam-me as enfermeiras, com um ar
assustado. Consegui ver o dr. T. Dessa vez, as indicações eram
confusas; desaparecera a “bolsa”, segundo ele, mas o intestino
estava bloqueado por espasmos, de origem nervosa, que desde a
véspera o impediam de funcionar. Otimista obstinada, minha mãe
era, contudo, uma nervosa, uma ansiosa: era o que explicava seus
tiques. Exausta demais para receber visitas, pediu-me que
desmarcasse por telefone a ida à clínica do padre P., seu confessor.
Falou-me pouco e não foi possível arrancar-lhe um único sorriso.

“Até amanhã à tarde”, disse-lhe eu ao sair. Minha irmã chegou
nessa noite e foi à clínica pela manhã. Às nove horas da noite, sou

o meu telefone. Era o professor B. “Está de acordo em que eu coloque uma vigilante noturna junto da senhora sua mãe? Ela não está bem. A senhora contava vir à clínica amanhã à tarde, não é verdade? Acho preferível que esteja aqui pela manhã.” Acabou por me dizer que um tumor bloqueava o intestino delgado: mamãe tinha um câncer.

Um câncer. Era algo que estava no ar. E que até saltava aos olhos de quem quisesse ver: aquelas olheiras fundas, aquela magreza. Mas seu médico afastara tal hipótese. A história é muito conhecida: os pais são os últimos a admitir que têm filho louco, os filhos, que sua mãe tem um câncer. Acreditávamos ainda menos nessa possibilidade, porquanto era algo que mamãe temera a vida inteira. Aos quarenta anos, se esbarrava com o peito contra um móvel, ficava exasperada: “Vou ter um câncer no seio.” No último inverno, um de meus amigos fora operado de câncer no estômago: “É o que vai acontecer também comigo.” Eu dera de ombros: há uma séria diferença entre um câncer e uma preguiça intestinal que se trata com geleia de tamarindo. Não imaginávamos que a obsessão de mamãe pudesse jamais ser justificada. Entretanto — disse-nos ela mais tarde — foi em câncer que Francine Diato pensara: “Reconheci aquela máscara. E também”, acrescentara ela, “aquele cheiro”. Tudo se esclarecia. A crise da mamãe na Alsácia provinha do seu tumor. O câncer provocara sua síncope, sua queda. E essas duas semanas de cama tinham precipitado a oclusão intestinal, de que ela estava ameaçada havia muito tempo.

Poupette, que telefonara por diversas vezes para mamãe, supunha-a de excelente saúde. Mais íntima com ela do que eu, também lhe era mais apegada. Eu não podia deixá-la chegar à clínica e descobrir abruptamente um rosto de moribunda. Liguei para ela, pouco depois da chegada do seu trem, na casa dos Diato. Já dormia: que despertar!

Havia greve dos transportes, do gás, da eletricidade, nessa quarta-feira, 6 de novembro. Pedi a Bost que me viesse buscar de carro. Antes de sua chegada, o professor B. telefonou-me de novo: mamãe vomitara a noite toda; não passaria, sem dúvida, desse dia.

As ruas estavam menos engarrafadas do que eu rezeira. Por volta das dez horas, encontrei Poupette diante da porta do quarto 114. Repeti-lhe as palavras do professor B. Desde a madrugada, informou-me ela, um reanimador, o dr. N., ocupava-se de mamãe; ele ia introduzir-lhe uma sonda pelo nariz a fim de lhe limpar o estômago: “Mas para que atormentá-la, se ela está perdida? Que a deixem morrer tranquila”, disse-me Poupette, em lágrimas. Pedi-lhe que se fosse juntar a Bost, que esperava no hall de entrada; ele a levaria para tomar um café. O dr. N. passou por mim, ia entrar no quarto, e retive-o: de blusa branca, touca branca, era um homem jovem, de rosto fechado:

— Para que essa sonda? Para que torturar mamãe, se já não existe esperança?

Fulminou-me com o olhar:

— Faço o que devo fazer.

Empurrou a porta. Momentos depois uma enfermeira disse-me que podia entrar.

A cama retomara sua posição normal, no meio do quarto, a cabeceira contra a parede. Do lado esquerdo, ligado ao braço de mamãe, havia um tubo de soro. Do nariz dela saía um outro tubo de plástico transparente que, através de maquinismos complicados, ia terminar num boião de vidro. As narinas estavam afiladas, seu rosto encarquilhara ainda mais, e pairava nele uma expressão de docilidade desolada. Num murmúrio, disse-me que a sonda não a incomodava muito, mas que, durante a noite, sofrera demais. Tinha sede e não podia beber; a enfermeira aproximava de sua boca um conta-gotas que mergulhava num copo de água; mamãe umedecia os lábios, sem engolir; eu estava fascinada por esse movimento de sucção, simultaneamente ávido e contido, desse lábio sombreado de leve penugem, que se estendia tal como na minha infância, quando mamãe estava descontente ou zangada.

— Você queria que se lhe deixasse isso no estômago? — disse-me N. num tom agressivo, apontando o boião de vidro, cheio de substâncias amareladas. Nada respondi. No corredor, ele disse-me:

— De madrugada, não lhe restavam mais de quatro horas de vida. Ressuscitei-a. — Não me atrevi a perguntar-lhe: para quê?

Conferência de especialistas. Minha irmã conserva-se a meu lado, enquanto um médico e um cirurgião, o dr. P., apalpam o abdômen tumefacto. Mamãe geme sob os dedos deles, grita. Injeção de morfina. Ela volta a gemer. Pedimos: “Deem-lhe outra injeção!” Eles recusam, alegando que um excesso de morfina paralisaria o intestino. Que esperam, então? A eletricidade foi cortada, por causa da greve; enviaram uma amostra de sangue ao hospital americano, que possui gerador próprio. Estarão pensando numa operação?

— Isso é simplesmente impossível, a doente está demasiado fraca — diz-me o cirurgião ao sair do quarto. Ele afasta-se, e uma enfermeira idosa, a sra. Gontrand, que o ouviu, diz-me num impulso:

— Não a deixem ser operada! — Depois, colocou a mão sobre a boca, como se arrependida do que dissera: — Se o dr. N. soubesse que eu lhe disse isso! Falei-lhe como se ela fosse minha própria mãe.

Perguntei-lhe:

— Que aconteceria se a operassem? — Mas a enfermeira fechou-se num mutismo decidido e não me respondeu.

Mamãe adormeceu; saí, deixando com Poupette alguns números de telefone. Quando ela me chamou em casa de Sartre, por volta das cinco horas, havia esperança em sua voz:

— O cirurgião quer tentar a operação. As análises de sangue são muito animadoras; ela recuperou as forças, o coração resistirá. E, afinal de contas, não há a certeza absoluta de que se trate de um câncer; talvez seja uma simples peritonite. Nesse caso, ela tem uma chance. Você está de acordo?

(Não a deixem ser operada.)

— Estou de acordo. A que horas?

— Venha a partir das duas. Não lhe diremos que vai ser operada, mas que precisa de mais uma radiografia.

Não a deixem ser operada. Frágil argumento contra a decisão de um especialista, contra as esperanças de minha irmã. Será que mamãe voltará a acordar? Não era a pior das soluções. E eu não supunha que um cirurgião assumisse esse risco; ela escaparia. A operação precipitaria a evolução do mal? Era isso, sem dúvida, o que a sra. Gontrand queria dizer. Mas no ponto em que estava a

oclusão intestinal, mamãe não sobreviveria três dias, e apavorava-me a ideia de uma agonia atroz.

Uma hora depois, Poupette soluçava na outra extremidade da linha: “Venha imediatamente. Eles a abriram; encontraram um tumor enorme, canceroso...” Sartre desceu comigo e acompanhou-me no táxi até a porta da clínica. Eu sentia um nó de angústia fechando-me a garganta. Um enfermeiro indicou-me a antessala onde minha irmã esperava, entre o hall de entrada e a sala de operações. Ela estava tão transtornada que pedi que lhe dessem um tranquilizante. Os médicos, contou-me ela, tinham prevenido mamãe, num ar muito natural, de que antes de radiografá-la lhe dariam uma injeção calmante; o dr. N. adormeceu-a; durante toda a anestesia, Poupette ficara segurando a mão de mamãe, e eu imaginava que terrível provação teria sido para ela ver todo nu aquele velho corpo devastado que era o corpo de sua mãe. Os olhos estavam revirados, a boca, aberta: esse rosto ela jamais poderia esquecer também. Mamãe fora transportada para a sala de operações, de onde o dr. N. saíra momentos depois: dois litros de pus no ventre, o peritônio estourado, um tumor enorme, um câncer da pior espécie. O cirurgião dedicava-se agora a retirar tudo o que podia ser eliminado. Enquanto esperávamos, entrou minha prima Jeanne com sua filha Chantal; tinha chegado de Limoges e esperava encontrar mamãe tranquilamente acamada; Chantal trazia para ela um livro de palavras cruzadas. Perguntávamo-nos o que dizer a mamãe quando despertasse. Era simples: a radiografia mostrara que ela tinha uma peritonite e haviam decidido logo operá-la.

— Acabaram de subir mamãe para o seu quarto — anunciou N. Ele estava exultante: semimorta nessa manhã, ela suportara muito bem uma grave e demorada intervenção. Graças a métodos de anestesia ultramodernos, o coração, os pulmões, todo o organismo continuara funcionando normalmente. Sem dúvida, conseguira realizar uma soberba façanha técnica; quanto às consequências, ele lavava as mãos, sem dúvida. Minha irmã dissera ao cirurgião: “Operem mamãe. Mas, se for um câncer, prometam-me que não a deixarão sofrer.” Ele prometeu. Que valia a palavra dele?

Mamãe dormia, deitada de barriga para cima, uma palidez cerosa, o nariz afilado, a boca aberta. Minha irmã e uma auxiliar de enfermagem a vigiavam. Voltei para casa, conversei com Sartre, ouvimos Bartok. De súbito, às onze da noite, uma crise de lágrimas que por pouco não degenera em crise de nervos.

Estupefação. Quando meu pai morreu, não verti uma única lágrima. Dissera nessa altura a minha irmã: “Com mamãe será a mesma coisa.” Todas as minhas mágoas, todas as minhas dores, até essa noite, eu as compreendia: mesmo quando me submergiam, reconhecia-me nelas. Desta vez, o desespero escapara ao meu controle: alguém que não era eu chorava em mim. Falei a Sartre da boca de minha mãe, tal como a vira pela manhã, e tudo o que eu decifrara nela: uma gula recusada, uma humildade quase servil, esperança, aflição, uma solidão — a de sua morte, a de sua vida — que não queria confessar-se. E a minha própria boca, disse-me ele, tampouco me obedecia: colocara a de mamãe sobre o meu rosto e imitava-lhe, sem querer, a mímica. Toda a sua pessoa, toda a sua existência, aí se materializavam, e a compaixão me dilacerava.

Não creio que minha mãe tenha sido uma menina feliz. Somente a ouvi recordar uma única lembrança agradável: o jardim de sua avó, numa aldeia da Lorena; as ameixas amarelas e as rainhas-cláudias que se comiam, ainda quentes, nas árvores. De sua infância em Verdun nada me contou. Havia uma foto que a representava, aos oito anos, disfarçada de margarida.

— Você tinha uma linda fantasia.

— Sim — respondeu-me — mas as meias eram verdes e desbotaram, a cor incrustou-se-me na pele e foram precisos três dias para livrar-me dela.

— Sua voz era de desencanto quando relembrava todo um passado de azedume. Por mais de uma vez queixou-se a mim da secura de sua mãe. Vovó, aos cinquenta anos, era uma mulher distante, mesmo ativa, que ria pouco, fuxicava muito e demonstrava por mamãe uma afeição meramente convencional; fanaticamente dedicada ao marido, seus filhos tinham ocupado em sua vida um lugar apenas secundário. De vovô, mamãe disse-me muitas vezes, com ressentimento: “Ele só tinha olhos para sua tia Lili.” Cinco anos mais jovem do que ela, loura e rosada, Lili suscitou na irmã mais velha um ardente e indisfarçável ciúme. Até perto de minha adolescência, mamãe atribuiu-me as mais altas qualidades intelectuais e morais: ela identificava-se comigo; humilhava e depreciava minha irmã; ela era a caçula, loura e rosada, e, sem se aperceber disso, mamãe vingava-se nela.

Falava-me com orgulho do colégio Oiseaux e da madre superiora cuja estima consolara seu amor-próprio. Mostrou-me uma fotografia de sua turma: seis meninas sentadas num jardim, entre duas religiosas. Eram quatro internas, vestidas de preto, e duas externas, em uniforme branco: mamãe e uma de suas amigas. Todas têm blusas de gola alta, saias compridas, coques austeros. Seus olhos

nada exprimem. Mamãe entrou na vida sufocada pelos mais rígidos princípios: decoro provinciano e moral de colégio de freiras.

Aos vinte anos, sofreu nova decepção afetiva: o primo de quem se enamorara preteriu-a por outra prima, minha tia Germaine. Desses dissabores ela conservou a vida inteira um fundo de suscetibilidade e secreto rancor. Junto de papai, ela desabrochou. Amava-o, admirava-o e, durante dez anos, ele a satisfiz fisicamente, sem dúvida. Era doido por mulheres, tivera numerosas aventuras e pensava — como Marcel Prévost, a quem lia deleitado — que não se deve tratar a jovem esposa com menos ardor do que uma amante. O rosto de mamãe, com esse leve buço que sombreava seu lábio superior, denunciava uma ardente sensualidade. O entendimento de ambos saltava aos olhos: ele acariciava os braços de mamãe, adulava-a, dizia-lhe frases ternas e corriqueiras. Revejo-a certa manhã — eu tinha seis ou sete anos — descalça sobre o tapete vermelho do corredor, em sua longa camisola de tecido branco; seus cabelos caíam em cachos ondulados sobre a nuca, e fiquei deslumbrada com seu sorriso radiante, vinculado por mim, de maneira misteriosa, a esse quarto de onde ela saía; eu mal reconhecia nessa vaporosa aparição a grande e respeitável pessoa que era minha mãe.

Mas nada aboliu jamais a nossa infância. E a felicidade de mamãe não estava isenta de nuvens. Já em sua viagem de núpcias, manifestara-se o egoísmo de papai; ela desejava visitar os lagos italianos; não passaram de Nice, onde se iniciava a temporada das corridas de cavalos. Mamãe recordava com frequência essa decepção, sem ressentimento, mas não sem uma ponta de mágoa. Ela adorava viajar. “Gostaria de ter sido uma exploradora”, dizia. Os melhores momentos de sua juventude tinham sido as excursões a pé ou de bicicleta organizadas por vovô através dos Vosges e do Luxemburgo. Ela teve de renunciar a muitos sonhos; os desejos de papai tinham sempre prioridade sobre os dela. Deixou de ver suas amigas pessoais, cujos maridos papai achava aborrecidos. Ele só se mostrava satisfeito nos salões ou no ambiente teatral. Mamãe seguia-o alegremente, pois tinha o gosto das mundanidades. Mas sua beleza não a protegia contra a malevolência; ela era

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma morte muito suave"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).